

O real do sintoma: sua política na clínica

Andréa Hortélio Fernandes

Em 1975, no Seminário R.S.I., Lacan afirma que todo aquele que procura uma análise o faz por acreditar que o sintoma diz alguma coisa que demanda ser decifrada. Ele também apresenta o sintoma como o que há de mais real em cada um. Portanto, neste sentido, o sintoma analítico interroga a não-relação sexual. O real, como aquilo que não cessa de não se escrever, promove a associação livre, trabalho do analisante, via transferência. Logo, nosso trabalho pretende abordar as mudanças nas crenças do sujeito que procura uma análise levando em consideração o real do sintoma e sua política na clínica.

O real próprio ao sintoma como aquilo que não cessa de não se escrever convoca mudanças nas crenças do sujeito. Acreditar que um sintoma diz alguma coisa está associado à vacilação de outras crenças do sujeito, entre elas a crença na religião e na ciência. Com relação à religião, Lacan diz que “ela é feita para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona”,¹ para recalcar o sintoma. Com relação à ciência, sabemos que a busca da cientificidade termina por foracluir o sujeito por desconsiderá-lo naquilo em que ele se presentifica, e isso está articulado ao tratamento dado ao sintoma. Sintoma enquanto o que institui a ordem pela qual se comprova a política na direção do tratamento, segundo Lacan em *Lituraterra*.

A psicopatologia explicativa, comunicativa e fenomenológica de Karl Jaspers seria um exemplo da foraclusão do sujeito fomentada pela exigência de cientificidade. A percepção e a compreensão orientam a perspectiva jasperiana ao definir o delírio como juízo patologicamente falseado e incompreensível. A busca do sentido aponta para quão distante estão Jaspers e Lacan, ao analisarmos o fato deste último afirmar que “o falasser é uma forma de exprimir o inconsciente”,² e que, portanto, ao analista interessa o sem-sentido.

Longe de propor uma hermenêutica do inconsciente, Lacan, no Seminário XI, irá deter-se na interpretação ressaltando o fato de ela não estar aberta a todos os sentidos,³ já que “ela mesma é um não-senso”. Para Lacan, “quando se trata do inconsciente do sujeito”, está em questão “fazer surgir elementos significantes irreduzíveis, *non-sense*, feitos de não-senso”.⁴ Temos já aí uma aproximação do inconsciente real, irreduzível, feito de não-senso.

¹ Lacan, (1974/2005) *O triunfo da religião*, p. 72.

² *Ibid.*

³ Lacan, *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 236.

⁴ *Ibid.*

Se o falasser é como uma forma de exprimir o inconsciente, o saber em questão é um saber sem-sujeito. O inconsciente só pode ser abordado na análise em que não é a questão lembrar-se do que se sabe, mas de um “não me lembro mais disso. Não me reencontro nisso”.⁵ É nisso que o inconsciente interpreta o analisante e faz dele seu intérprete.

Ainda sobre a interpretação, nos anos 70 Lacan diz que ela não é feita para ser compreendida, já que ela deve ser equívoca. É desta forma que a interpretação age na contracorrente do efeito de tapeação próprio à transferência, apontando para o engano do sujeito suposto que se explicita na pergunta: “o saber que só se revela no engano do sujeito, qual pode ser o sujeito que o sabe de antemão?”⁶

Logo, entre o analisando e o analista existiria uma “divergência de suposição”.⁷ Do lado do analisando, a suposição de saber, própria da transferência; enquanto que do lado do analista, o postulado do sujeito suposto saber caberia ser abolido no decorrer de uma análise.

A divergência de suposição aponta para a relação entre saber e crença, na qual “três quartos do dito saber não são nada mais que crenças”.⁸

A relação entre saber e crença interessou bastante a Lacan na década de 60. Nessa época, ele chamava a atenção dos analistas que tentaram tratar da existência do inconsciente fora da psicanálise, e assim deram um tom “tranquilizador”⁹ do inconsciente. Lacan diz então que irá, “no cerne da prática que fez empalidecer o inconsciente, buscar o seu registro”.¹⁰ À prática da análise, atrelada a dar sentido ao inconsciente, Lacan promulga a seguir a política do sintoma no que nele mantém-se um sentido no real atrelado ao ser de gozo do sujeito.

É nesta perspectiva que em 1975, Lacan dirá que “O sintoma é real. É a única coisa verdadeiramente real, que conserva um sentido no real. É por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente”¹¹ no real. Na articulação do sintoma com o real encontra-se a incidência política na qual o psicanalista é convocado a lidar, e isso tem relação com as mudanças nas crenças de um sujeito em análise.

Para tratar da afirmação segundo a qual o sintoma é real, é importante nos determos na orientação clínica de Lacan sobre intervir simbolicamente no sintoma, na medida em que aí encontra-se também uma orientação política que se recusa a aceitar um tom tranquilizador do inconsciente. Para tanto, surge uma nova acepção do sintoma, o sintoma vindo do real, o sintoma como “acontecimento de corpo, que corresponde ao saber falado, ao saber falado fixado precocemente”.¹² O sintoma, como encarnação do real, comporta uma incerteza por, desde sempre, permanecer “indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo pensamento”.¹³ Isto porque “a linguagem, de começo, ela não existe”. “A linguagem é o

⁵ Lacan, *O engano do sujeito suposto saber* (1967), p. 337.

⁶ *Ibid.*

⁷ Lacan, *A psicanálise. Razão de um fracasso* (1967), p. 337.

⁸ Lacan, *Conférences et entretiens dans des universitaires nord-américaines* (1975), p. 12.

⁹ *Ibid.*, p. 25.

¹⁰ Lacan, *O engano do sujeito suposto saber* (op. cit.), p. 332.

¹¹ Lacan, *O Seminário, livro 24: L'insu-que-sait de l'une bévue s'aile a mourre*. Lição de 15 de março de 1977, inédito.

¹² Soler, *De que modo o real comanda a verdade* (2009). In: *Stylus*, no 19, p. 23.

¹³ Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73), p. 196.

que se tenta saber concernentemente à função de *alíngua*".¹⁴ Desse modo, o sintoma tem um lugar privilegiado entre as formações do inconsciente, sendo imprescindível para que uma demanda de análise possa ocorrer.

Numa conferência de Lacan na Universidade de Yale, o tratamento dado ao sintoma e ao saber é evocado no percurso de uma análise. Nessa conferência, o início do tratamento é descrito como o analista devendo "deixar-se guiar pelos termos verbais".¹⁵ A expressão "termos verbais" propomos aproximar do significante fora da cadeia, fora de sentido, como um todo só, errático, do $S_1(S_1(S_1(S_1 \rightarrow S_2)))$ "que soa em francês *essaim*",¹⁶ um enxame significativo, um enxame que zumba¹⁷ e "que garante a unidade de copulação do sujeito com o saber".¹⁸ É importante aqui "conceber que o S_2 de *alíngua* é ele próprio composto de S_1 ", e que "o sujeito não virá no nível deste S_2 ".¹⁹ É assim que Lacan diz que "os efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem mais longe de tudo que o ser falante é suscetível de enunciar";²⁰ trata-se, portanto, de um saber que ultrapassa o sujeito.

A partir daí veremos o ensino de Lacan demarcar que "o significante é causa de gozo",²¹ e que somente pelo simbólico é possível abordar o sintoma como acontecimento no corpo. Dito de outra maneira, o sintoma como modo pelo qual o sujeito goza na medida em que o inconsciente o determina, aponta para o fato de que o saber inconsciente "está alojado em outro lugar, ele está alojado na substância gozante"²² e aponta para uma fixação de gozo própria ao sujeito. Os uns erráticos que antecedem a linguagem conectam-se ao gozo corporal fazendo sintoma, entendido como acontecimento no corpo, por trazerem aos traços do gozo do Outro. Como não se pode gozar do corpo do Outro, dada a inexistência da relação sexual, é por meio do gozo do sentido que algo do sintoma pode ser tocado pela prática de falar em análise.

Ao trabalhar o saber inconsciente alojado na substância gozante, para Lacan "o que há de surpreendente no sintoma... é que se acredita".²³ Logo, todo aquele que demanda uma análise acredita que o sintoma diz alguma coisa e basta apenas decifrá-la. O analista convocado a responder com o saber faz uma aposta de que uma análise se dê pela associação livre do analisando. O desejo advertido do analista está suportado na sua própria experiência de análise, que deve tê-lo levado a um ponto de ateísmo que não se contradiz. Nisto o ateísmo pode ser aproximado à questão do gozo.

O ateísmo é definido por Lacan como "a doença da crença em Deus",²⁴ a crença de que Deus não intervém no mundo. Assim todos seriam religiosos, mesmo os ateus que acreditariam que Deus não tem nenhuma participação quando estão doentes. No nível do gozo, o analista levado ao ponto do ateísmo durável está advertido

¹⁴ *Ibid.*, p. 189.

¹⁵ Lacan, *Conférences et entretiens dans des universitaires nord-américaines* (op. cit.), p. 17.

¹⁶ No dicionário Le Robert – *essaim* significa enxame, exemplo: "groupe d'abeilles d'insectes em vol ou posés". Le Robert, *Dictionnaires*, 1992.

¹⁷ Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (op. cit.), p. 196.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ Soler, *De que modo o real comanda a verdade* (op. cit.), p. 23.

²⁰ Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (op. cit.), p. 190.

²¹ *Ibid.*, p. 36.

²² Soler, *De que modo o real comanda a verdade* (op. cit.), p. 18.

²³ Lacan, *O Seminário, livro 22: R.S.I. (1974-75)*, Lição de 21 de janeiro de 1975.

²⁴ Lacan, *Conférences et entretiens dans des universitaires nord-américaines* (op. cit.), p. 32.

de que o sujeito neurótico é levado a delegar o gozo ao Outro. Porém, a experiência da análise permite ao analista entrever que esta crença está pautada no ateísmo, a doença da crença em Deus. Isto porque na neurose, mesmo sendo o gozo o que falta ao Outro e o que o torna inconsistente, o neurótico tende a delegá-lo ao Outro. Logo, o analista cuja análise o levou a um ponto de ateísmo pode levar um sujeito a formular a seguinte questão: “este gozo, do qual a falta faz o Outro inconsistente, é meu?”²⁵

²⁵ Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1957/1998), p. 819.

É necessário um percurso para que uma análise se dê, e ele está articulado àquilo que faz função de real no saber, ou seja, o impossível, a não-relação sexual. Uma análise começa com um sujeito supondo um saber ao analista. Ao analista cabe colocar a destituição subjetiva em pauta desde o início da análise para, assim poder manejar, com a suposição de saber a ele atribuída. O algoritmo da transferência mostra o caráter de cifra de gozo, fora-sentido do sintoma que convoca decifração. Por meio do **S** significante da transferência o sujeito apresenta o sintoma como um “incompreensível corpo estranho a ele próprio e portador de um sentido obscuro que o representa”.²⁶ É aí que Lacan vai insistir que há Um e nada mais. O Um que insiste em se escrever pelo viés da fala, sob transferência, demonstra indiretamente o que não se escreve, a impossibilidade de escrever a relação sexual.

²⁶ Soler, *Standards e não standards*. In: *Artigos Clínicos* (1991), p. 28.

A impossibilidade está posta entre o S_1 e o S_2 no discurso do mestre, $S_1 \rightarrow S_2$, entre eles não há relação dada a coalescência entre S_1 e S_2 . O sintoma, como o que há de mais particular em cada um, interroga a não-relação sexual e cria um intervalo entre S_1 e S_2 , onde é possível situar o sintoma (Σ) que faz existir a relação sexual, faz existir o discurso. A questão, então, é como um significante pode ser chamado a fazer sinal, a constituir signo, sintoma para um sujeito.

²⁷ Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, p. 195.

Lacan afirma que “o saber do um, por pouco que possamos dizer disto, vem do significante Um”²⁷ de *alíngua*. E ainda afirma que é de *alíngua* que é possível extrair o que é do significante. Ao propor o Um encarnado, Lacan concebe que S_2 é composto pelo S_1 . Do lado do S_2 está o resto que permanece não decifrado, não-significantizável, indizível, um saber falado tal qual o Um encarnado. O S_2 aponta para o que há de contingente no ouvir e põe em marcha toda a crença do sujeito no sintoma, a ponto de Lacan declarar que “o significante Um não é significante qualquer. Ele é a ordem significante, no que ela se instaura pelo envolvimento pelo qual toda a cadeia subsiste”²⁸

²⁸ *Ibid.*, p. 197.

Para Lacan, a linguagem é feita de *alíngua*. A linguagem “é uma elucubração de saber de *alíngua*”.²⁹ Nesta época, Lacan vai aproximar o inconsciente de *alíngua*, propondo um inconsciente fora-sentido, anterior à linguagem. Segundo ele, “é porque há o inconsciente, isto é, *alíngua*... que o significante pode ser chamado a

²⁹ *Ibid.*, p. 190.

fazer sinal, a constituir signo”,³⁰ a fazer enigma, levando ao cúmulo de sentido. O sentido do que o sujeito ignora, o sentido do que ele não sabe suscita o amor ao saber, ou seja, transferência.³¹ É neste contexto que, por contingência, ou seja, pela fala do sujeito em análise, algo pode vir a se escrever (S_2), e é o que faz função de real no saber, um saber sem-sujeito, um saber que ultrapassa o sujeito e aponta para algo que cessa de não se escrever: o Um do gozo, a letra de gozo. Aponta, pois, para o sintoma como o que há de mais real em cada um e para o inconsciente real que pelo cúmulo de sentido do Um encarnado faz signo, enigma e leva o sujeito a acreditar que o sintoma possa ser traduzido, imprimindo uma política no tratamento do sintoma.

Ao tratar da crença no sintoma, em 1975, Lacan marcará uma distinção entre acreditar no sintoma (“*y croire*”) como do campo da neurose e acreditar nele (“*le croire*”). Na psicose, sabemos, as vozes estão lá, o psicótico acredita nelas, daí porque Lacan formulou que na psicose o que foi foracluído no simbólico retorna no real. Porém, tanto na neurose como na psicose, o analista deverá manejar com a crença no sintoma.

Na psicose trata-se de uma crença forçada. O psicótico sofre o efeito da cadeia significativa rompida que faz com que a irrupção de um significante no real seja incontestável, por exemplo: “porca”. De acordo com Bernard David,³² o psicótico acredita na sua alucinação de forma redobrada, ele utiliza a passagem da paciente entrevistada por Lacan que diz ter escutado “porca” para demonstrar isso. A crença seria redobrada pelo fato de o significante “porca” surgir no real e, também, devido ao fato de o significante interpretar a paciente. Este significante quer lhe dizer alguma coisa e, em alguns casos, já diz alguma coisa, apesar da paciente. Em razão da não-extração do objeto *a* está vetado à paciente saber o que é o seu ser de gozo, o significante equivale a ela enquanto objeto de gozo do Outro.

Entretanto, no desencadeamento da psicose encontramos um percurso que vai do acreditar no sintoma ao acreditar nele. O significante real “porca” (S_2), essa irrupção do inconsciente real, de um saber sem sujeito, diante da paciente não se vê representado pelo significante alucinado, até aí ela sofre o efeito do cúmulo de sentido que faz signo e demanda interpretação. Somente com a formalização do delírio é que a paciente passa a acreditar nele, por meio da significação da significação.

Na neurose, o sujeito acredita no sintoma, e isso o impulsiona na direção de uma elaboração, pautada na transferência. O significante que faz enigma seria real como o significante no real próprio à psicose; a diferença é que ele não é alucinado, podendo ser encarnado, inscrito no corpo, como nos ilustra a histeria. Esse significante é causa de gozo e objeto de gozo na medida em que se goza dele,

³⁰ *Ibid.*, p. 195.

³¹ Gerbase, *O discurso histórico, aula do curso O diagnóstico na psicanálise e na psiquiatria*, realizada no Campo Psicanalítico. Salvador: Inédito, 2010.

³² Bernard, *Y croire, les croire*. (2006/2010)

porém, é um real que pode se converter em simbólico. O tratamento do real do sintoma pelo simbólico é, portanto, do que se ocupa uma psicanálise com especificidades na neurose e na psicose.

Na psicose existiria a possibilidade de civilizar o gozo, possibilitando que mesmo na psicose o sujeito possa fazer laço social. Um exemplo seria Joyce ao conciliar seu gozo autístico, o gozo do Um, ao gozo da letra, ao se impor ao mundo como artista fazendo-se promotor de seu nome de gozo. Nos seus livros *Retrato do artista quando jovem* ou *Stephen, o herói*, ele não trata de um herói ou um artista, mas do herói e do artista que é uma crença da mesma ordem que a crença de Schreber de ser A mulher de Deus, apontando que ele acredita nela.

Na análise com neuróticos, teríamos na entrada a crença no sintoma que o liga à cadeia significante sob transferência; e “na saída, a descrença que o desliga da cadeia significante”.³³ Como já dissemos, acreditar no sintoma é acreditar que ele diga alguma coisa. É nisso que o sintoma interroga a não-relação sexual. Acreditar no sintoma seria como lhe acrescentar reticências, acreditar que ao S_1 pode juntar um S_2 que faria o sintoma retornar do real para o sentido. Aí está a própria crença no inconsciente. Em contrapartida, a identificação com o sintoma presume que o sujeito tenha deixado de esperar a tradução pelas reticências, deixa-se, pois, de acreditar. “A letra do sintoma resolve o vazio do sujeito que acabou com a questão do ser e com a elucubração de saber relacionada a ela”.³⁴

Por fim, ao afirmar que “o real, tal como nós falamos dele, é completamente desnudado de sentido”..., “porque não é escrito com palavras e sim com pequenas letras”,³⁵ Lacan aponta para o que seria a infinitude da análise. Numa análise “o sujeito ao acreditar no sintoma, acredita que o “um” da letra pode retornar ao “dois da cadeia”³⁶ e assim alimentar o gozo do sentido atrelado ao real do sintoma, política cujo manejo o analista é convocado a operar.

Referências bibliográficas

LACAN, J. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1957). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1967). O engano do sujeito suposto saber In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1967). A psicanálise. Razão de um fracasso. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1974). O triunfo da religião. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

³³ Soler, O que Lacan dizia das mulheres (2005), p. 198.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ Lacan, *Conférences et entretiens dans des universitaires nord-américaine (op. cit.)*, p. 29.

³⁶ Soler, O que Lacan dizia das mulheres (*op. cit.*), p. 197.

LACAN, J. (1975). Conférences et entretiens dans des universitaires nord-américaines. In: Scilicet 6/7. Paris: Seuil, 1976.

LACAN, J. O Seminário, livro 14: L'insu-que-sait de l'une bévue s'aile a mourre. (1976). Inédito.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. O Seminário, livro 22: R.S.I. (1974-75). Inédito.

Resumo

O presente trabalho aborda as mudanças nas crenças do sujeito que procura uma análise, levando em consideração o real do sintoma e sua política na clínica, parte do real próprio ao sintoma como aquilo que não cessa de não se escrever e assim convoca mudanças nas crenças do sujeito. Discute como todo aquele que procura uma análise o faz por acreditar que o sintoma diz alguma coisa que demanda ser decifrada. Apresenta que, por contingência, ou seja, pela fala do sujeito em análise, algo pode vir a se escrever (S_2) e é o que faz função de real no saber, um saber sem-sujeito, um saber que ultrapassa o sujeito e aponta para algo que cessa de não se escrever: o Um do gozo, a letra de gozo. Conclui que o tratamento do real do sintoma pelo simbólico é do que se ocupa uma psicanálise com especificidades na neurose e na psicose e que a articulação do sintoma com o real apresenta a incidência política à qual o psicanalista é convocado na direção da cura.

Palavras-chave

Sintoma, política, crença, real, gozo, saber.

Abstract

This work approaches the changes in the beliefs of the subject who seeks an analysis, taking into consideration the real of the symptom and its politics in the clinic. It departs from the real to the symptom as something which does not cease to not write itself, and then invites changes in the subject's beliefs. It discusses how every person who seeks an analysis behaves, for believing that the symptom says something that needs to be deciphered. It introduces that, by contingency, that is, through the voice of the subject in analysis, something can come to write itself (S2), and that is what plays the role of real within the knowledge, a knowledge without subject, a knowledge which goes beyond the subject, and points to something that does not cease not to write itself: the One of the *jouissance*, the letter of *jouissance*. The conclusion is that the job of a psychoanalysis, with its specificities in neurosis and psychosis, is the treatment of the real of the symptom by the symbolic that presents the political incidence in which the psychoanalyst is summoned to deal with in the cure process.

Keywords

Symptom; belief; real; *jouissance*; knowledge.

Recebido

17/02/2011

Aprovado

24/03/2011